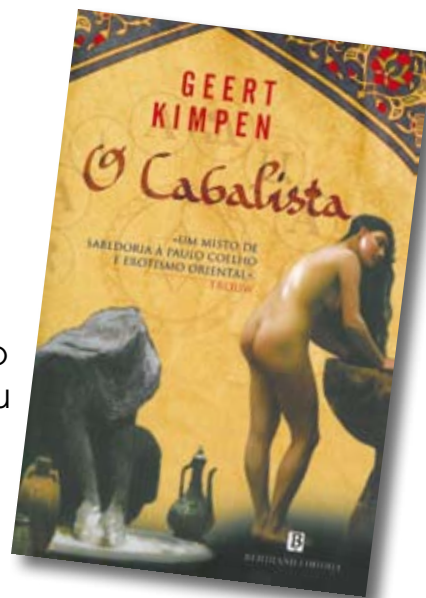


«As pessoas dizem-me que a sua vida mudou depois de lerem

Entrevista com Geert Kimpen, autor de 'O Cabalista'



Em Março, o belga **Geert Kimpen**, autor de 'O Cabalista', esteve em Portugal para divulgar o seu livro e a Zen aproveitou para o entrevistar e saber o que esta obra milenar tem a dizer nos dias de hoje.



Texto e Fotos: Dinis Ermida

conversa com Geert Kimpen focou o seu livro... e não só: falou-se no papel das religiões no mundo moderno, das novas respostas que Kimpen diz que as pessoas procuram e da dupla vertente de 'O Cabalista', enquanto romance histórico... e enquanto obra útil para qualquer leitor.

Como se iniciou o seu interesse pela cabala?

Eu tive uma formação católica, mas, como muitos católicos, a dada altura já não era fácil aceitar a resposta «Tens de acreditar porque sim»... Tornei-me crítico e abandonei, por uns anos, tudo o que tivesse a

ver com religião, filosofia e todas essas coisas. Mas está no nosso 'guião' que temos de procurar respostas e eu comecei a procurá-las em todas as direcções que podia. Continuava a ter dúvidas que queria resolver, queria perceber mesmo como funciona a vida, ir ao âmago das coisas, aos factos concretos.

O que aconteceu depois?

Nos anos seguintes encontrei inspiração em diferentes direcções mas nunca nada que me 'enchesse as medidas'. Quando decidi que queria ser escritor, percebi que este seria o meu tema, acabei por juntar um pouco as dúvidas

que todos temos e escrevi uma carta muito zangada a Deus, em que escrevi que estava farto, que queria respostas, respostas concretas! Queria saber por que estamos aqui, qual é o sentido da vida, se há vida depois da morte! Prometi que se ele me desse as respostas eu escreveria um livro e iria a todo o lado mostrar essas respostas.

E teve resposta?

Bem, no dia seguinte, tinha um e-mail escrito por um rabi, em Amesterdão, que eu não conhecia (e que não ainda não sei como obtive o meu endereço), convidando-me a receber lições de cabala com ele. E eu não sabia nada sobre a cabala, não estava envolvido, mas foi muito estranho ter escrito aquela carta e no dia seguinte receber um e-mail!

Mas nesse momento já tinha publicado textos sobre estes assuntos...

Sim, tinha escrito uma série de colunas no jornal sobre espiritualidade. Talvez tenha sido isso a motivar aquele rabi a escrever-me, mas nuncative oportunidade de lhe perguntar, porque era o único não-judeu nas lições, e ele ignorou-me um pou-

co, ninguém ali falava muito comigo... Nas primeiras semanas, não percebia nada, e o rabi também não desenvolveu uma relação comigo, era apenas ensinar e depois ia-se embora...era muito estranho! Mas ao fim de umas semanas, subitamente dei por mim a entender um pouco do que ele ensinava, e era tão claro que me abalou! Senti um grande envolvimento.

Que ensinamentos o cativaram tanto na ocasião?

Houve uma frase que ele disse e nunca esqueci: «Nunca devemos esquecer-nos de ser humildes perante Deus», ou seja, que devemos conduzir-nos na vida com uma certa humildade. Ao ouvir isto senti os pêlos do braço a levantar-se, concordava profundamente com a ideia. Mas depois ele trocou a palavra «Deus» por «o Universo», e de repente vi a solução para a minha busca... a ideia de que Deus não é um homem de barbas brancas, no céu, que nos observa a todo o momento a dizer «Tu prestas, tu não prestas», mas sim que nós somos um, apenas, no todo do Universo, e tudo contém na sua essência a mesma inteligência criativa. Se fizermos a experiência de olhar para o céu, de



«Depois ele trocou a palavra 'Deus' por 'o Universo', e de repente vi a solução para a minha busca... a ideia de que Deus não é um homem de barbas brancas, no céu, que nos observa a todo o momento a dizer 'Tu prestas, tu não prestas'»

noite, e ver a ligação entre a nossa singela pessoa e a imensidão do Universo, então sentimo-nos humildes, só podemos sentir-nos um pequeno insecto no espantoso Universo.

Um momento de iluminação...

É como a gravidade: nós não vemos a gravidade mas vemos os efeitos dela, e somos parte dela, e estamos ligados por ela a todo o Universo e percebemos que tudo está ligado. Foi uma frase pequena, mas que desencadeou em mim uma vi-

são completamente nova.

A cabala tenta explicar o mundo, mas também é um guia para a vida. Qual destes lados o interessa mais?

Estou mais interessado no modo como modifica as pessoas, como modificou a minha vida, como posso tornar-me uma melhor pessoa com ela. Por isso, os ensinamentos são bastante práticos... se perguntarmos qual o sentido da vida, por que estamos aqui na Terra, a resposta muito clara é que cada um de nós foi abençoado com

uma mistura muito específica de talentos, que mais ninguém tem, algo tão pessoal como as nossas impressões digitais, e há uma razão para estarmos nós aqui, e não uma dos milhões de sementes que o nosso pai lançou na concepção...

E qual é essa razão?

É que com esta mistura específica de talentos temos de nos desenvolver e chegar ao nosso máximo e que somos como que um presente que damos ao mundo, todos nós somos... E se tentarmos ser a melhor pessoa que conseguirmos ser, e dar ao mundo os nossos talentos, para o tornar um local melhor, então de facto podemos mesmo mudar o mundo, criar, juntos, um paraíso na Terra. E tudo o que acontece — a guerra, as pessoas a morrer de fome, a pobreza, etc. — tudo é nossa responsabilidade, nós permitimos que aconteçam, e se despertarmos mesmo para este facto, e virmos que estamos todos ligados, então cada bênção que damos aos outros estamos tam-

bém a dar a nós próprios. Por isso a vida é uma grande oportunidade de conseguirmos levar dela tudo o que pudermos, e é isso que me inspira.

Então nem preciso de lhe perguntar qual era o objetivo ao escrever este livro...

Sim, é espalhar a palavra, como prometi! Mas espero não o fazer como um pregador, como se toda a gente agora tivesse de se ligar à cabala... eu acho que as verdades universais da cabala são também as do budismo, e de outras filosofias ou religiões. Uso a imagem de uma cebola para ilustrar a ideia de que a religião é apenas mais uma camada dessa cebola: os católicos têm estes rituais e aqueles, os protestantes aqueles outros, o Islão ainda outros... Mas se formos à essência dos seus ensinamentos, são sempre manifestações do mesmo.

Então porquê sentir-se mais ligado à cabala?

Apenas pela questão da linguagem; tem uma linguagem com que me identifico, e que

consigo 'traduzir' para os meus escritos... Mas não quero ser 'o pregador da cabala'!

Numa altura em que a ficção 'histórica' recebe tanta atenção, haverá um perigo de que a sua mensagem se perca, ou seja confundida com essa ficção?

Até agora, não é essa a reacção que tenho obtido... Por um lado, tratei de escrever este livro de um modo que prendesse as pessoas, criando uma história que as pessoas querem saber como acaba e o que acontece, é uma maneira de seduzir os leitores, pois não queria escrever um livro do tipo 'A Cabala em

10 Lições'... Por outro lado, a filosofia da cabala, como ela muda as pessoas, as suas forças e fraquezas... Mas como tem este lado humano, como não se limita a ser uma descrição da filosofia, há espaço para colocar no romance as consequências práticas da filosofia: se tentarmos viver assim, temos estes resultados. Eu sinto que hoje toda a gente, em todos os países, tem os mesmos problemas, as mesmas perguntas, as mesmas lutas a respeito da sua ambição, do amor, de como concretizar os seus sonhos. Toda a gente faz essas perguntas, e não apenas que viviam em Israel no século XVI.



«Tratei de escrever este livro de um modo que prendesse as pessoas, criando uma história que as pessoas querem saber como acaba e o que acontece (...). Não queria escrever um livro do tipo 'A Cabala em 10 Lições'»

Muitas pessoas, hoje, parecem não ver relação entre a atitude perante a vida e os resultados obtidos, continuando a aplicar a mesma atitude mesmo com maus resultados. O seu livro pode ajudar, nesse aspecto?

Você está certo, todos nós temos um excelente instrumento dentro de nós, que nos permite dentro de nós, em cada momento do dia, se uma decisão que tomámos é boa ou má. É algo que trazemos desde pequenos, mas quando crescemos tornamo-nos muito bons, perante um fracasso, encontrar uma série de justificações para

o que fizemos, uma série de razões para proceder de modo pouco positivo. E a filosofia da cabala é uma maneira de, em cada coisa que fazemos, em cada decisão, tentarmos pensar: «Isto está certo ou errado?». E se estiver errado, também não é o fim do mundo! Nós viemos a esta vida para experimentar a vida, e cometer erros e fazer coisas estúpidas.

E se não aprendermos nada com os erros?

Até podemos ser castigados, mas eu acredito que receberemos outra oportunidade para errar de novo. Penso que

mais vale errarmos primeiro e aprender com os erros, e ganhar consciência das coisas para o futuro, e então já não erraremos, pelo contrário... Não por um sacerdote nos dizer que temos de agir desta e daquela maneira, e nos sentimos assustados e sem qualquer responsabilidade. Agora, acho que devemos viver a vida ao máximo, e é de facto um grande desafio tomar tantas decisões por dia! Cada pessoa toma tantas decisões que podem alterar a sua vida, e isso é, acho eu, uma experiência maravilhosa.

Que reacções tem recebido ao seu livro?

Bom, eu tenho um site, e recebo diariamente muitos e-mails, e as pessoas escrevem-me a dizer que a sua vida mudou depois de lerem o livro, porque acho que, na Europa, quase todas as pessoas tiveram a mesma educação, quase todas as pessoas tiveram a mesma educação, católica, ou pelo menos cristã, estamos separados por fronteiras e temos diferentes culturas mas temos, básica-

mente, as mesmas origens, e a um dado ponto, certamente nesta altura, as pessoas já não conseguem compreender porque é que devem sentir-se católicas, ou cristãs. Querem, pelo contrário, encontrar respostas, e a filosofia da cabala está muito relacionada, na sua linguagem, com o que sabemos, com as nossas origens cristãs, mas dá uma perspectiva completamente nova sobre ela, independentemente dos dogmas. E as pessoas recebem uma grande inspiração, é esse o elogio que mais tem sido feito.

Quanto às reacções negativas, houve um rabi, na Holanda, que devolveu o livro ao meu editor... não o leu, mas como havia uma raparigana na capa, ele perguntou como era possível que uma palavra como a cabala fosse combinada com uma raparigana, e estava muito indignado, e pediu ao meu editor para retirar todos os livros das livrarias, porque isto era uma vergonha... Z

Os próximos livros

E agora? O que se segue? Tem ideias para outros livros?

Na Holanda já publiquei um livro sobre **Isaac Newton**... descobri que ele estava muito envolvido com a cabala e a alquimia, e que, em 90% do seu tempo trabalhava nisso, e não na ciência; e que a ciência que descobriu, foi **através da cabala e da alquimia**. Nele tento estabelecer uma ligação entre ciência e espiritualidade, pois hoje trata-se de dois conceitos completamente separados, mas nos tempos de Newton estavam unidas, o estudo do Universo era científico e religioso, e os dois lados iam buscar inspiração um ao outro. E por acaso penso que são de facto a mesma coisa, e ambas conseguem dar resposta à outra para fazer uma teoria mais completa sobre como as coisas funcionam nesta vida. Nestemomento estou a iniciar um terceiro romance, mas estou em dúvida sobre o tema: a vida secreta de Jesus (há muitas coisas que não estão no Novo Testamento, e se as lermos ficamos com uma perspectiva bem diferente, tinha coisas bem diferentes a dizer sobre amor, macho e fêmea, a sexualidade...). Outra opção é o amor tântrico.